

**A QUEBRA DO IDEAL CLÁSSICO NA PERSPECTIVA NEOBARROCA DO
POEMA ASSASSINATO DE SIMONETTA VESPUCCI DE SOPHIA DE MELLO
BREYNER ANDRESEN**

**THE BREAKING OF CLASSICAL IDEAL IN THE NEO-BAROQUE PERSPECTIVE
OF ASSASSINATO DE SIMONETTA VESPUCCI BY SOPHIA DE MELLO BREYNER
ANDRESEN**

Milena Corrêa Gambôa¹

Brenda Catarina da Silva²

Maria Eduarda Melo Maia³

Resumo: *É no contexto renascentista do século XVI, alicerçado no sentimento racional e humanista, em conflito com o teológico, que entra em cena o ser humano consciente de si mesmo e angustiado pela tomada de percepção de si e do mundo. No campo das artes, esse estado de espírito, marcado pelo conflito e pela inquietação, faz surgir o movimento Barroco, movimento responsável pela quebra da beleza e da linearidade clássica. Como o reconhecimento de si e do mundo é um sentimento que perpassa a história da humanidade, é evidente que não tenha deixado sua marca nas produções artísticas apenas no período do Renascimento, encontrando uma nova significação em contextos e tempos distintos, inclusive na própria atualidade que, por sua vez, constitui-se de novas tensões. Tendo em vista que a poesia da autora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen opera-se sob um fundamento filosófico que representa a profunda reflexão gerada pelo ser humano acerca de si e do mundo, este artigo visa compreender de que maneira as características do Barroco permanecem e se transformam no poema O assassinato de Simonetta Vespucci. Destarte, a partir de uma análise qualitativa baseada nos aspectos linguístico-semióticos do texto, pudemos interpretar a obra como marcadamente Neobarroca, especialmente devido à quebra do ideal de beleza clássica, cuja representação se dá por meio da figura de Simonetta Vespucci, além do retrato de angústia e inquietação, sentimentos suportados pelo ser humano quando adentra em seu próprio mundo e enxerga sua existência como algo perturbador.*

Palavras-chave: *Neobarroco; Quebra; Autorreflexão; Sophia de Mello Breyner Andresen.*

Abstract: *It is in the Renaissance context of the 16th century, based on rational and humanistic sentiment, in conflict with the theological, that the human being conscious of himself and anguished by the perception of himself and the world comes into the picture. In the field of arts, this state of mind, marked by conflict and restlessness, gives rise to the Baroque movement, a movement responsible for breaking beauty and classical linearity. As the recognition of oneself*

¹ Graduanda em Letras/Licenciatura em Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e residente bolsista do Programa de Residência Pedagógica da UFPE.

² Graduanda em Letras/Licenciatura em Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e residente voluntária do Programa de Residência Pedagógica da UFPE.

³ Graduanda em Letras/Licenciatura em Português pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e residente bolsista do Programa de Residência Pedagógica da UFPE.

*and the world is a feeling that permeates the history of mankind, it is evident that he did not leave his mark on artistic productions only in the Renaissance period, finding a new meaning in different contexts and times, including in the actuality that, in turn, constitutes new tensions. Bearing in mind that the poetry of the Portuguese author Sophia de Mello Breyner Andresen operates on a philosophical basis that represents the profound reflection generated by the human being about himself and the world, this article aims to understand how the characteristics of the Baroque remain and become her poem *O Assassinato de Simonetta Vespucci*. Thus, from a qualitative analysis based on the linguistic-semiotic aspects of the text, we were able to interpret the work as markedly Neobarroca, especially due to the breaking of the ideal of classical beauty, whose representation occurs through the figure of Simonetta Vespucci, in addition to the portrait of anguish and restlessness, feelings supported by the human being when he enters his own world and sees his existence as something disturbing.*

Keywords: *Neo-baroque; Breaking; Self-reflection; Sophia de Mello Breyner Andresen.*

1. Introdução

Tendo em vista o contexto histórico pelo qual a Europa passa no século XVI, um movimento artístico que se caracteriza especialmente pelo reflexo do sentimento humano de percepção de si emerge. É devido ao Renascimento, que possibilitou um abrandamento considerável da influência religiosa sobre a sociedade, que surge a valorização da racionalidade, dando espaço para o antropocentrismo e para o humanismo, em lugar da espiritualidade e do teocentrismo característicos da Idade Média. O ser humano desse tempo apresentava-se, portanto, confuso, dividido e inquieto pelos ideais aparentemente dicotômicos que circulavam naquele momento. De um lado, sentia-se ainda influenciado pelos princípios religiosos, temendo a Deus e às consequências de seus pecados; de outro, via na racionalidade e no antropocentrismo a liberdade para encontrar-se enquanto ser humano e entregar-se aos seus desejos sem temer.

É nesse contexto de oposição e inquietação que surge o Barroco, estilo de vida, muito mais do que apenas um estilo artístico e literário, devido ao seu caráter de adequação ao clima espiritual e ao conteúdo ideológico de uma época, marcada pela tentativa de conciliação de dois polos aparentemente inconciliáveis: a fé e a razão. De forma geral, são “o dualismo, a oposição ou as oposições, contrastes e contradições, o estado de conflito e tensão, oriundos do duelo entre o espírito cristão, antiterreno, teocêntrico, e o espírito secular, racionalista, mundano, que caracterizavam a essência do barroco” (COUTINHO, 1978, p. 98-99).

Pensando no Barroco enquanto sucessor do Classicismo, a teoria wolffliniana compreende esse estilo como transgressor do universo gerenciador das canônicas racionais da Renascença (COUTINHO, 1978). Desse modo, define em cinco pontos como o Barroco diferencia-se da escola anterior, parecendo, de certa maneira, apresentar ao leitor de que modo

também foi capaz de superá-lo. Essa tomada de opinião positiva em relação ao Barroco, por mais indireta que seja, parece-nos uma novidade, visto o caráter marginalizado que denotou o movimento durante quase três séculos.

A teoria wolffliniana inicia sua comparação afirmando que a irrupção do Barroco acarreta a passagem do linear clássico para o pictórico, em que os objetos representados não se encontram mais isolados entre si, mas se ligam através de passagens suaves. Além disso, não se observa mais a transição definida entre o primeiro e o segundo plano; nosso olhar não encontra mais etapas a percorrer, em virtude da superposição e da profundidade de sua composição. Em terceiro lugar, há uma passagem da forma fechada clássica à forma aberta barroca: o Classicismo é um todo fechado e delimitado, marcado pela regularidade, simetria, solidez, estabilidade e finitude; em suma, há uma suficiência de sua composição. No Barroco, por sua vez, as formas permanecem inacabadas, de modo a permitir dinamismo e abertura para interpretação. Ao lado disso, observamos, ainda, a unicidade barroca em contraponto à pluralidade clássica: no Barroco, cada uma das partes que pertencem ao todo artístico só existe no conjunto, isto é, só podemos entender o todo, nunca cada parte que lhe compõe. No Classicismo, por sua vez, cada elemento existe por si, tendo um valor próprio. Por fim, observamos a passagem da luz absoluta do clássico à luz relativa do Barroco: enquanto naquele há iluminação em toda a obra, neste há uma clara aparição e distinção entre o claro e o escuro (COUTINHO, 1978). Embora tais considerações tenham sido desenvolvidas no campo da pintura, podemos também entendê-las no campo da literatura a partir dos devidos ajustes interpretativos para compreender como funcionam na arte da palavra.

Além das características supracitadas e como o próprio nome do movimento sugere, o Barroco surge para quebrar o ideal clássico de beleza e de harmonia, tanto no plano artístico, quanto na própria concepção de realidade. É, pois, a arte do espanto, que conquista e repugna, ao mesmo tempo, por retratar aspectos cruéis, dolorosos e monstruosos demais para quem enxergava o mundo como simétrico, sólido e regular. Ao lado disso, o Barroco, diferentemente do caráter universal do Classicismo, abre espaço para o individual e para a experiência particular, em que é possível ver a colocação do ser humano em face de si e do mundo. Isso pode ser percebido tanto pela abertura de interpretação e da colocação do leitor na obra, como pelo contexto histórico em que o Barroco se situa, sendo improvável, neste momento, fazer arte sem colocar nela o estado de conflito do ser humano que nesse cenário escreve.

Tendo em vista que “a poesia é sempre histórica, mas o discurso da poesia não é o discurso da história” (HANSEN, 2006, p. 21), e que o Barroco é caracterizado, especialmente, pela consciência do ser humano de si e dos conflitos que o cercam, como poderia o Barroco se

esgotar no século XVI, se é próprio do ser humano esse estado de inquietação e de tomada de reconhecimento? Não se esgota; renasce no Neobarroco, entendido como “a novidade contemporânea produzida por uma invenção artística que, apropriando-se sincronicamente de procedimentos técnicos e efeitos das artes do século XVII, usa-os como matéria de transformações poéticas” (p. 21). Tal movimento, devido à nova época na qual está inserido, sugere uma nova — mas não distante do Barroco, a partir do qual se cria — interpretação, refletindo “a desarmonia e a ruptura da homogeneidade” (TABOSA, 2012, p. 227) do século XX. Em um contexto diferente daquele no qual surgiu o Barroco, o Neobarroco encontra em seu tempo novas tensões que o ser humano precisa enfrentar, típicas de seu tempo. A autorreflexão, entretanto, é um tema recorrente em ambos os movimentos, visto que nunca será uma questão encerrada e que constitui matéria própria do ser humano que tem consciência de si.

Analisando as obras de Sophia de Mello Breyner Andresen, grande nome entre os poetas portugueses do século XX, observamos em seus poemas aspectos classificáveis como Neobarrocos, embora não seja esta uma definição aplicada para a autora como um todo. O “choque entre o mundo exterior e o eu poético, a rememoração como mergulho interior, a solidão, o sofrimento provocado quando o sujeito recolhe-se dentro de si mesmo” (AZEVEDO, 2007, p. 4) são aspectos encontrados em sua poesia intimista e que nos parece uma clara retomada ao estado de inquietação do ser humano frente a si e ao mundo do Barroco, embora com uma nova ordem e roupagem de seu tempo. Entendemos isso principalmente pela angústia da descrição com que é feita essa tomada de reconhecimento, por vezes criando um cenário de horror, e pelos traços de oposição que são resgatados nessas produções, em especial o claro e o escuro e o jogo de sombras.

Para este artigo, escolhemos o poema *Assassinato de Simonetta Vespucci*, que julgamos ser, dentre outras interpretações possíveis — já que nenhuma obra pode ser esgotada em um único viés —, uma explicação poética do início da tomada de estado de espírito Barroco (ou Neobarroco, devido ao momento em que foi escrito), em oposição ao estado harmonioso clássico que até então figurava. É objetivo deste trabalho, portanto, analisar tal poema de modo a identificar-lhe os aspectos neobarrocos e a explicação contemporânea de como se deu e se dá a percepção do ser humano enquanto ser do mundo.

2. Metodologia

Com o objetivo de apresentar as características neobarrocas no poema *Assassinato de Simonetta Vespucci*, composto por Sophia de Mello Breyner Andresen, partimos de uma análise qualitativa, de base linguístico-semiótica, averiguando em sua composição as marcações que sinalizam aspectos de produção artística do período Neobarroco. Para isso, acreditamos ser primordial tratar das características dos estilos Barroco e Neobarroco, do viés histórico que circula ambos e das maneiras como seus elementos aparecem no texto selecionado para a análise. Além disso, consideramos interessante trazer o contraponto entre essas fases e os diferentes aspectos que as envolvem, bem como a relação que mantêm com o período anterior a elas, o Classicismo, uma vez que o movimento Barroco traz consigo o rompimento da linearidade renascentista e dos elementos que constituem os princípios clássicos. Estando presentes no poema de Sophia questões voltadas para a ruptura da beleza clássica, atinamos por observar constituintes no texto ligadas ao sentimento humano de angústia e conflito.

Para uma leitura prévia e completa, visto que a análise será feita por estrofes, o poema encontra-se anexado no final deste artigo.

3. Análise

Sophia de Mello é uma poetisa bastante conhecida por operar sob o fundamento filosófico acerca de uma profunda reflexão gerada pelo ser humano, quando este se reconhece como tal na essência do ser e estar no mundo. Uma das características mais marcadas nas poesias andresianas, além de todo o engenho empregado, é a inserção do leitor na construção dessa reflexão. Sobre essa observação, Fernandes (2014) faz uma importante consideração, ao afirmar que

[...] longe de se encontrar qualquer exposição discursiva, vigiada pela razão, acerca de problemas relativos à existência humana, o leitor é mergulhado num universo sensorial, criado a partir de recursos sonoros, rítmicos, visuais, que se articulam com uma sucessão de imagens, metafóricas e metonímicas, símbolos e outras figuras, além de uma profusão de mitos, procedimentos intertextuais, paródicos, críticos e metapoéticos, enfim, com uma série de recursos de linguagem com os quais a poeta apresenta e encena as mais variadas formas de experiência humana e poética. Os textos vão sendo gerados a partir das atitudes contemplativas do sujeito que olha, escuta e pensa sobre sua própria condição, sobre a condição da humanidade, sobre o estado das coisas no mundo e, principalmente, sobre o lugar e o papel do homem e do poeta (FERNANDES, 2014, p. 3-4).

Em *Assassinato de Simonetta Vespucci*, Sophia cria uma imagem inquieta do ser humano, pautada em uma condição de confusão espiritual, do ser e o não ser, de sua própria

reflexão sobre estar sendo, sobre essa descoberta de si e a conseqüente angústia causada pelo pensamento. Além disso, o mistério, que evidencia os aspectos do claro e escuro, permeia a sua produção e potencializa a carga neobarroca do poema.

A priori, destacamos um elemento importante, que é o título da produção, o qual norteará a nossa análise acerca da quebra do ideal de beleza clássica, que se dará com a adesão dos princípios e aspectos Neobarrocos que evidenciam essa dualidade presente na escrita de Sophia. A poetisa teve o cuidado de selecionar uma figura bastante conhecida no Renascimento para dar nome ao seu poema; Simonetta Vespucci foi uma mulher retratada em muitas pinturas de artistas da época, conhecida por “lastella” (estrela), tendo em vista a beleza transluzente que apresentava. A imagem de Simonetta simbolizou, durante muito tempo, o modelo ideal de beleza da época. Na busca da retratação do feminino em suas pinturas, o artista Sandro Botticelli inspirava-se na figura da musa para traçar suas produções.

Ao intitular seu poema de *Assassinato de Simonetta Vespucci*, Andresen evidencia a ruptura da beleza desse modelo clássico, fazendo uma relação com a morte e traçando um aspecto obscuro e angustiante, que só se fará notar no decorrer da leitura. A relação que Sophia estabelece com o campo semântico do vocábulo “morte”, a partir do termo “assassinato”, associa-se a essa quebra — concretizada pelo Barroco — do ideal de beleza clássica e da linearidade que o clássico prezava, marcados pela alegoria da figura célebre do Renascimento, Simonetta.

Na primeira estrofe do poema, é destacado um elemento importante na poesia de Andresen, o quarto, que cria uma imagem figurativa de um lugar em que o ser humano se recolhe, em busca da introspecção:

Homens
No perfil agudo dos quartos
Nos ângulos mortais da sombra com a luz

A poetisa busca retratar, neste primeiro momento, um aspecto intimista e introspectivo, no qual o homem é a figura principal; concomitantemente, entrelaça-se a ideia do espaço em que este recolhe-se e dos elementos que entram em cena junto a esse ambiente, como a pouca luminosidade e a sombra que se faz presente, sobressaindo-se. Tudo isso atua de forma significativa na construção da representação de um cenário marcado pela solidão do ser pensante que, ao inserir-se nesse ambiente, o qual possui características que se voltam de forma propícia a um resguardo do indivíduo, reflete sobre sua própria condição humana. Em uma pesquisa relacionada ao espaço intimista criado por Sophia em suas poesias, com foco no

quarto, Azevedo (2007, p. 28) faz uma breve associação a esse lugar: “O quarto delimita o ambiente mais reservado do sujeito, onde o eu recolhe-se para dentro do seu íntimo, resguardando-se de tudo o que o cerca, numa atitude profundamente solitária, que abre espaço para os devaneios da memória”.

Considerando esse pensamento, ressalta-se o quarto como elemento muito recorrente nas produções de Sophia, o que realça o interesse e a importância dada pela poetisa ao resguardo do indivíduo. Em relação a isso, Montaigne (2006 *apud* AZEVEDO, 2007, p. 28) postula que:

A ideia e a prática comum de olhar para outros lados que não para nós mesmos de muito nos tem valido! Somos para nós mesmos objeto de descontentamento: em nós não vemos senão miséria e vaidade. Para não nos desanimar, a natureza, muito a propósito, nos orientou a visão para o exterior. Avançamos facilmente ao sabor da corrente, mas inverter a nossa marcha contra a corrente, rumo a nós próprios, é *um penoso movimento*: assim o mar se turva e remoinha quando em refluxo é impelido contra si mesmo.

Essa observação nos leva a fazer uma relação com todo o restante do poema, pois a ideia principal que a autora busca retratar está em volta dessa angústia e inquietação do ser humano ao adentrar em seu próprio mundo e enxergar sua existência como algo perturbador. Este aspecto se evidencia na continuação da leitura — segunda e terceira estrofes —, em que Andresen representa a espada (v. 4) e os gestos (v. 6) como alegorias dos próprios pensamentos e sentimentos do homem que se condicionam através do ensimesmamento:

Vê como as espadas nascem evidentes
Sem que ninguém as erguesse - de repente.
Vê como os gestos se esculpem
Em geometrias exactas do destino.

A simbologia da espada, que possui significativa importância no desenvolver da ideia principal do poema, remete, em algumas culturas, ao reconhecimento e à aceitação das consequências de suas fraquezas individuais (BENEDICT, 2019). O objeto, nesse sentido, quando comparado ao ser humano, refere-se ao ser que reflete sobre seus atos, suas escolhas e seus pontos fracos, sendo uma alusão à reflexão que, embora traga angústias no processo de reconhecimento, visa à liberdade individual. A espada, nesse sentido, ainda que tenha remetido, em outros contextos, a sentidos de paz e justiça, também evoca efeitos de conflitos e morte (POOLE, 2005 *apud* BIRRO, 2015), sendo esses os que parecem ressoar no poema em questão.

Voltamos a destacar, mais uma vez, elementos que caracterizam o poema de Sophia de Mello como demonstração da angústia do ser humano diante do reflexo de seus pensamentos, que penetram na sua alma inquieta, a qual busca o desvendamento da sua existência.

A fio, resgatamos uma representação da passagem do sentimento classicista para o sentimento Neobarroco referente à figura do ser humano:

Vê como os homens se tornam animais
E como os animais se tornam anjos
E um só irrompe e faz um lírio de si mesmo

Observamos, aqui, a caracterização do indivíduo para o movimento Neobarroco: um ser monstruoso, grotesco, espantoso e repugnante, cujo grau de selvageria ultrapassa ao dos animais, os quais passam a ser considerados anjos em relação ao estado repugnante com o qual o ser humano agora se identifica. A maldade, neste caso, seria considerada uma característica inata ao indivíduo, contrapondo-se à figura humana bem equilibrada do Classicismo.

No último verso desta estrofe, em consonância com a representação do ser humano nos outros dois que lhe precedem e foram analisados acima, deparamo-nos com uma nova simbologia, desta vez, referente ao lírio. Embora seja, em primeiro plano, relacionado à pureza, inocência e virgindade, podemos extrair da flor em questão significados opostos a esses e que se identificariam com o sentimento Barroco/Neobarroco sobre o qual tratamos neste artigo.

Segundo Melo (2009), uma das simbologias possíveis para o lírio seria a de metamorfose, visto na transformação de Jacinto, representando os amores proibidos — dada sua relação com o deus Apolo. O que seria o Barroco/Neobarroco se não a transformação do estado de espírito frente ao proibido e ao desejo? Uma outra interpretação atrelada a isso, também trazida pela autora, diz respeito ao mito de Perséfone: “Foi colhendo um lírio (ou um narciso) que Perséfone foi arrastada por Hades, enamorado dela, através de uma abertura repentina do solo, para seu reino subterrâneo; o lírio poderia nesse sentido simbolizar a tentação ou a porta dos Infernos”. Esse verso, portanto, refere-se à irrupção do homem Barroco num mundo de proibições, desejos, amores e pecados, que o fazem questionar seu próprio eu, sendo este eu, agora, repleto de angústias e conflitos que se renovam constantemente segundo o tempo e a época na qual o indivíduo se insere.

Na estrofe a seguir, observamos a retomada da figura da mulher, a qual julgamos ser a mesma do título, Simonetta Vespucci, representação do ideal clássico. Ainda que seja símbolo do Classicismo, expandimos, neste parágrafo, sua ilustração para a figura geral do ser humano:

Vê como pairam longamente os olhos
Cheios de liquidez, cheios de mágoa
Duma mulher nos seus cabelos estrangulada.

Neste trecho, além da representação de uma figura que morreu inquieta e insatisfeita, “olhos cheios de liquidez, cheios de mágoa”, reparamos uma alegoria interessante advinda pela imagem dos cabelos: embora seja uma constante simbologia de força, nesse caso, é a ilustração da fraqueza. É o ser humano que destrói a si, pela angústia e descontentamento que advêm do conhecimento de si.

Por fim, chegamos ao último trecho, no qual percebemos uma retomada de tudo o que já supra analisamos:

E todo o quarto jaz abandonado
Cheio de horror e cheio de desordem.
E as portas ficam abertas,
Abertas para os caminhos
Por onde os homens fogem,
No silêncio agudo dos espaços,
Nos ângulos mortais da sombra com a luz.

Nos primeiros versos dessa última estrofe, Sophia retoma a figura do quarto, lugar onde o indivíduo tem espaço para entrar profundamente no seu verdadeiro eu e tomar conhecimento das dualidades que permeiam o ser humano; entretanto, agora esse ambiente encontra-se abandonado. Infere-se que a poetisa quis retratar a desistência do homem de tentar encontrar-se, devido ao horror que encontrou dentro de si e às descobertas que se apresentaram de forma assustadora, condicionando a fuga dele por espaços ainda sombrios e penumbrosos, mas portando um elemento que pode representar a esperança de um dia se encontrar: a luz — como retratado nos últimos versos. Destacam-se, ainda, os aspectos que evidenciam novamente as características neobarrocas da produção, as quais já citamos anteriormente, o claro e o escuro, retratados pela luz e pela sombra; em suma, a claridade relativa, aspecto imprescindível para a ilustrar a distinção dos parâmetros lineares e estáveis do Clássico, rompidos pelos ideais do movimento Barroco.

4. Considerações Finais

Quando articulamos o poema de Sophia com a temática relacionada aos movimentos Barroco e Neobarroco, identificamos, além de um caráter plurissignificativo, um poema que pode ser tomado como didático, ao explicar o sentimento Barroco e a sua irrupção em

contraponto ao ideal Clássico. Nele, detectamos as características presentes na arte da época do Renascimento, em que elementos como angústia e conflito encontram-se presentes. Percebendo tais influências, abarcamos nesta análise a indispensável retomada do momento histórico por volta do século XVI, em que o eu poético espelha um momento social de reflexões de si, sua relação com mundo e com ele mesmo, as provocações em meio ao proibido e ao pecado, uma vez que se encontrava em conflito religioso nesta fase. O ser humano, aqui, percebe seus ideais oscilando, já que em outrora eram totalmente voltados ao teocentrismo, direcionados pelo contexto puramente religioso, e agora se permite dar espaço ao antropocentrismo. Tal momento, que se caracteriza principalmente como um estilo de vida, reflete-se nas manifestações artísticas, as quais passam a ser denominadas barrocas, carregando um caráter tipicamente humano de conflito e choque em seu íntimo. Tal sentimento de conhecimento de si expande-se no Neobarroco, renascendo com outras tensões típicas do ser humano de outros séculos.

Fortalecendo tais unidades, temos como dados dessas características mais destacadas do Neobarroco, o poema *Assassinato de Simonetta Vespucci* de Sophia de Mello Breyner Andresen, visto que esse possui uma vasta gama de questões voltadas para o reconhecimento, conflito e inquietação do eu poético, o qual se encontra recolhido em seu interior e em choque pelo reconhecimento de si e do mundo. Utilizando de maneira metafórica a imagem de Simonetta Vespucci, simbologia do protótipo de beleza clássica, a autora alude à quebra e ao assassinato desse ideal, consequência da irrupção do sentimento Neobarroco. É interessante salientar que a própria autora, de forma geral, mobiliza em suas obras traços Neobarrocos, incluindo o envolvimento do leitor na construção de suas reflexões, quando, assim como no poema analisado, abarca o ser humano em um conflito perturbador do ser ou não ser, em contraste com o claro e o escuro; bem como a presença do intimista e do introspectivo e de outros aspectos supracitados, envolvendo, assim, outras questões recorrentes nesta fase da arte literária.

Referências

AZEVEDO, Luiz Carlos. **O quarto, figuração do intimismo na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**. 2007. Monografia (Pós-graduação em Literatura Portuguesa) - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa**. Editora Vozes: Petrópolis, 2019.

BETTIOL, Maria Regina. **Enganos e desenganos: a invenção do conceito de Barroco Literário e sua representação nas Histórias das Literaturas Luso-Brasileiras.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DAS LITERATURAS, 9., 2012, Porto Alegre. [Anais...]. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2012, p. 477-487. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/71.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

BIRRO, Renan. **Os escandinavos, as rotas de peregrinação no Ocidente e Oriente e as Cruzadas (sécs. XI-XII).** Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 8, jun. 2015. PDF.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro. **O Mito e a Condição Humana na Obra Poética de Sophia de Mello Breyner Andresen.** São Paulo: Revista Texto Poético, 2014.

HANSEN, João Adolfo. **Barroco, neobarroco e outras ruínas.** Floema Especial, São Paulo, ano II, n. 2 A, p. 15-84, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/78/85>. Acesso em: 24 jun. 2018.

MELO, Flavia. **Lírio e sua simbologia.** Disponível em: <https://peppertouch.wordpress.com/2009/05/17/lirio-e-sua-simbologia/> Acesso em: 30 jun. 2018.

TABOSA, Leila Maria. **Onírico desengano: Primero sueño e muertessin fin.** In: VAN, Francisco; LIMA, Samuel (orgs.). Colóquio barroco III. Natal: Editora da UFRN, 2012.